

A DISCIPLINA DAS BAILARINAS: A EDUCAÇÃO PENSADA NA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

João Lucas Alves dos Santos¹

Resumo: Esse trabalho propõe discutir a questão da prática disciplinar no processo de educação à luz do pensamento de Michel Foucault sobre a estética da existência. É um olhar para a importância da disciplina no processo de construção da subjetividade, todavia não um olhar para a disciplina dos militares, mas a disciplina das bailarinas. Em *Vigiar e punir*, o autor discutiu os processos disciplinares nas instituições e como uma espécie de disciplina comum à esfera militar ganhou interesse e se expandiu a partir do século XVIII para as instituições educacionais, donde podemos perceber a influência dessa prática até os dias atuais. Em seus últimos trabalhos, no entanto, Foucault sugere uma ética pautada em exercícios de liberdade pela prática do “cuidado de si” como concebida pela cultura greco-romana. Para ele, essa maneira de pensar o sujeito ético é pensar a subjetividade como uma construção artística, visto que a arte não deve se referir apenas aos objetos, mas também à vida.

Palavras-Chave: Disciplina. Educação. Estética da existência.

INTRODUÇÃO

O artista francês Edgar Degas é conhecido na História da arte por ter diversas pinturas com o tema da bailarina. Apaixonado pelo universo do teatro e do balé, Degas foi um dos principais expoentes do movimento impressionista no século XIX. Utilizando a junção entre pastel e pintura à óleo, o pintor conseguiu capturar o instante dos movimentos, acrescentando-lhes efeitos de luminosidade e leveza. Não há como não suspirar frente a beleza e o encanto de suas bailarinas.

Podemos dizer que a bailarina é, em nossa cultura, um dos principais símbolos de beleza atribuídos à figura humana. Seus movimentos, tão bem representados nas imagens de Degas, transmitem uma sensação de liberdade, suavidade e fluidez. Sabemos, no entanto, que esses movimentos de beleza e liberdade só são possíveis devido ao intenso exercício de força e disciplina que as bailarinas executam sobre si mesmas, sobre seus próprios corpos, durante toda a vida artística.

Esse trabalho de operar sobre si que visa resultar uma obra de arte é o mesmo princípio que encontramos no pensamento de Michael Foucault quando ele propõe uma ética a partir da estética da existência. Ao pensar a construção do sujeito fora dos mecanismos discursivos ou dos mecanismos de poder, Foucault sugere uma ética pautada em exercícios de liberdade pela prática do

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: lucasfanglic1@hotmail.com.

“cuidado de si”. Para ele, essa maneira de pensar o sujeito ético é pensar a subjetividade como uma construção artística, visto que a arte não deve se referir apenas aos objetos, mas também à vida.

A prática do “cuidado de si” evocada por Foucault para uma estética da existência se refere a uma concepção de modo de vida encontrado na cultura greco-romana, principalmente nos dois primeiros séculos de nossa era. Nesse contexto, o “cuidado de si” consistia sobretudo em uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro; mas também uma série de ações que o sujeito operava sobre si mesmo a fim de alcançar uma bela existência.

Essa possibilidade de constituição do sujeito pelo “cuidado de si” aparece apenas na última fase das pesquisas de Foucault. Antes, seu debruçar estava nos processos de dominação e relações de poder, e como a subjetivação se dava a partir desses processos. Em *Vigiar e punir*, ele dedica a terceira parte da obra para discutir os processos disciplinares nas instituições e como uma espécie de disciplina comum à esfera militar ganhou interesse e se expandiu a partir do século XVIII para as instituições educacionais, donde podemos perceber a influência dessa prática até os dias atuais.

A disciplina encontrada nos regimes educacionais constitui-se, nesse sentido, um mecanismo de subjetivação diametralmente oposto ao da estética da existência. Diferentemente do fim que se dá à disciplina no trabalho da bailarina, a disciplina instituída à maneira do que foi a prática militar busca a docilização do corpo como instrumento de dominação. A disciplina no processo escolar é então uma maneira de moldar subjetividades de forma a produzir indivíduos úteis para os interesses daqueles que dominam os espaços de poder.

Esse trabalho propõe discutir a prática disciplinar no processo de educação à luz da estética da existência. É um olhar para a importância da disciplina no processo de construção da subjetividade, todavia não um olhar para a disciplina dos militares, mas a disciplina das bailarinas. A disciplina como ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos.

O CONTROLE DISCIPLINAR NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Enquanto a bailarina é um dos principais símbolos de beleza, a figura do soldado é sem dúvida a representação máxima da disciplina do corpo. Foucault elege sua postura, seus gestos e os seus movimentos uniformes para discutir a questão dos procedimentos disciplinares e seu aperfeiçoamento a partir do século XVIII na terceira parte do seu livro *Vigiar e punir*. Para ele, é nesse período que há uma “descoberta do corpo como objeto e alvo de poder”. Não que

procedimentos disciplinares não existissem anteriormente nas esferas religiosa, militar ou educacional, é que, nesse período, o interesse no corpo que se manipula, que se molda, que se treina, que obedece, que responde e que se aperfeiçoa ganham proporções até então inimagináveis.

Os objetivos que vêm dos exercícios disciplinares desse período, para Foucault, consistem na estreita relação entre docilidade e utilidade. A disciplina fabrica, nesse sentido, corpos tanto mais obedientes quanto úteis, corpos, ao mesmo tempo, submissos e exercitados. Nas palavras de Foucault (1987, p. 119):

A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. [...] digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada

O caráter disciplinar que inicialmente configura o aperfeiçoamento do corpo do soldado, mas, ao mesmo tempo, sua total submissão, vai se disseminar nas instituições educacionais. Ao analisar as técnicas que operam esse caráter disciplinar nas escolas Foucault destaca o mecanismo do espaço disciplinar. Semelhantemente às prisões, o quartel, o convento, o manicômio, o hospital e a fábrica, a escola também vai obedecer à lógica da cerca.

Esse espaço disciplinar, contudo, não finda com a estrutura exterior que delimita os indivíduos. Há também que haver a distribuição desses indivíduos nesse espaço interno. Cada indivíduo deve ocupar lugares específicos impostos de acordo com classificações, etapas, séries. Nesse contexto, Foucault vai definir a fila como a grande forma de distribuição dos indivíduos na ordem escolar no século XVIII. Fila de alunos na sala, fila de alunos nos corredores, fila de alunos nos pátios e assim por diante.

Foucault chama a atenção que a organização de um espaço serial trouxe grandes transformações técnicas para o ensino. Antes, um professor trabalhava alguns minutos com um aluno, enquanto os outros ficavam ociosos e sem vigilância esperando sua vez; agora, é possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. O espaço disciplinar e sua arte de distribuição “fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Para demonstrar o quadro geral do espaço disciplinar há um trecho citado por Foucault retirado do *Conduite des écoles chrétiennes* de J. -B. de La Salle:

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixo. Os escolares das lições mais adiantadas serão

colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições avançando para o meio da sala... cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Outra técnica disciplinar, que Foucault vai chamar de controle da atividade, ajudou o espaço educacional a se tornar uma economia do tempo de aprendizagem. Herdado das ordens religiosas em suas práticas monásticas, o rigor com o tempo encontrou seu lugar não somente na rotina dos quartéis ou das fábricas, mas também nas instituições escolares. O tempo disciplinar é a relação entre o corpo e o tempo utilizado na aplicação das atividades a fim de assegurar maior produtividade do tempo gasto.

Percebamos também como essas técnicas disciplinares mudaram a relação professor-aluno. Usando, como exemplo, a escola da fábrica dos Gobelins em 1667 para o aprendizado de tapeçaria manufaturada, Foucault destaca que a relação ensino-aprendizagem até então se dava a partir da relação de dependência direta e total do aluno para com o seu mestre. Eram seis anos de aprendizagem, quatro anos de serviço e uma prova qualificatória que concedia ao aluno erguer e manter loja em qualquer cidade do reino. Havia uma mistura entre aprendizado e serviço, conhecimento e domesticidade. Já em 1737, com a implantação de uma nova escola de desenho dos Gobelins, uma forma totalmente diferente de organizar o tempo e o espaço muda esse cenário. Ao invés da relação diária e direta com os mestres, os alunos foram divididos por níveis de habilidades em três classes e frequentavam as aulas que iam de segunda a sábado, duas horas por dia. Regularmente os alunos faziam deveres individuais e depositavam nas mãos dos professores que ao final do ano avaliavam o nível de desenvolvimento dos alunos e separavam aqueles que estavam aptos a passarem para a classe subsequente (FOUCAULT, 1987, p. 133).

A apropriação do tempo e uma nova dinâmica na relação entre professor-aluno na escola dos Gobelins no século XVIII mostra muito bem o desenvolvimento das técnicas do controle disciplinar no âmbito da escola. São técnicas que visam se apropriar do tempo das existências singulares, regê-los em suas relações com o corpo, no intuito de “inverter em lucro ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa”. Em outras palavras, capitalizar o tempo dos alunos, acumulá-lo em cada um deles, em seus corpos, em suas forças ou capacidade, e de uma maneira que seja possível utilizá-los e controlá-los. É por isso que o tempo pedagógico é sempre dividido em segmentos sucessivos ou paralelos nos quais cada um deve chegar a um termo específico; esses segmentos são organizados de forma analítica e cada um deles finalizado por um termo, um exame, uma prova de qualificação, estabelecendo assim séries de séries.

O panorama do controle disciplinar que Foucault traça nas instituições escolares a partir do século XVIII, configura o modelo de manipulação do corpo que até hoje assemelha-se àquele imposto ao treinamento militar. É a disciplina como instrumento de docilização dos corpos para que sejam cada vez mais utilizáveis, eficientes, mas, ao mesmo tempo, submissos, obedientes. A educação dos nossos dias herdou esse modelo e continua perpetuando, como Foucault conclui uma constituição do sujeito por práticas de dominação e relações de poder.

A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Como admitido no pensamento contemporâneo, o sujeito, para Foucault, não existe em essência, o sujeito cartesiano; mas um sujeito que se constrói enquanto sujeito de discurso, sujeito de ações, sujeito de relações com os outros e consigo mesmo. Ao estudar “como um ser humano se transforma em sujeito” ele empreendeu diversas pesquisas que buscaram entender nas práticas sociais, práticas discursivas, e na relação de poder e saber, a constituição dos sujeitos ao longo da história.

A possibilidade de um sujeito que se constrói não pelos processos disciplinares ou quaisquer outros mecanismos discursivos ou de dominação, mas pela prática do “cuidado de si”, do “ocupar-se consigo”, é o que ele vai chamar de estética da existência ou arte de viver (*tékhnē tou bíou*). Estética da existência, porque o “cuidado de si” seria um trabalho que o indivíduo exerce sobre si mesmo, construindo sua subjetividade da mesma forma como um artista constrói sua obra de arte.

Esse modo de vida que Foucault vai buscar na tradição greco-romana aparece apenas em seus últimos trabalhos, mais especificamente nos dois últimos volumes da *História da sexualidade (Uso dos prazeres e o Cuidado de si)*, nos cursos ministrados no início da década de oitenta (*Subjetividade e verdade e Hermenêutica do sujeito*) e também em muitos dos artigos e entrevistas que compõem a sua série intitulada *Ditos e escritos*. Nessas obras, a cultura do cuidado de si, tal qual foi compreendida desde Sócrates no decurso da filosofia antiga até os primeiros séculos do cristianismo, mas, principalmente, o período helenístico dos séculos I e II da nossa era, analisa diversos textos desse período a fim de compreender como era concebido, nesse contexto, o sujeito ético.

Vejamos então em que consistia esse “cuidado de si”: de uma maneira geral, o termo grego *Epiméleia Heautoû* se referia ao fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc. Foucault observa que sobre o significado do “cuidado de si” devemos reter que ele é uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo; que ele é também uma certa forma de olhar que implica converter o olhar do exterior para si mesmo; e por último, que ele designa ações que são

exercidas de si para consigo, uma série de exercícios tais como as purificações, as aceses, as renúncias, as conversões de olhar, as modificações de existência etc. (FOUCAULT, 2010, p. 11). O “cuidado de si”, nesse sentido, irá abranger os três domínios da vida do sujeito: a dietética (o cuidado com o corpo e com a alma), a econômica (os deveres privados de pai de família, marido, filho, proprietário, senhor de escravo, etc.) e a erótica (sobre as relações amorosas), sendo que essa última foi pouco a pouco se desconectando da cultura do “cuidado de si” (FOUCAULT, 2010, p. 56).

Esse modo de existir como sujeito é visto como um princípio pedagógico no texto de Platão, *Alcíbiades*. Para que o jovem Alcíbiades pudesse governar a cidade era preciso primeiro aprender a cuidar de si mesmo. Todavia, Foucault observa que, posteriormente, o caráter formador deixa de ter um fim específico para constituir-se um tipo de formação universal, necessária ao indivíduo como sujeito de ação:

Na prática de si que vemos desenvolver-se no decurso do período helenístico e romano, ao contrário, há um lado formador que é essencialmente vinculado à preparação do indivíduo, preparação porém não para determinada forma; de profissão ou de atividade social: não se trata, como no *Alcíbiades*, de formar o indivíduo para tornar-se um bom governante; trata-se, independentemente de qualquer especificação profissional, de formá-lo para que possa suportar, como convém, todos os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os reveses que possam atingi-lo (FOUCAULT, 2010, p. 85).

Podemos compreender então como a prática do cuidado de si tem também um caráter educativo. Embora diga respeito a um trabalho do sujeito para consigo mesmo, seu corpo, sua alma, suas responsabilidades, ele também se dá na relação com o outro e com o mestre. “Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença de um mestre. Porém, o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 55).

Ao chegarmos nessa relação entre mestre e aluno é essencial tomarmos o conceito de *parrhesía*, conceito indispensável ao se pensar a educação sob o olhar da estética da existência. A *parrhesía* diz respeito ao falar francamente, a qualidade de dizer a verdade por parte do mestre gerando uma intensa relação entre o que dirige e o que é dirigido, uma relação de amizade. A *parrhesía* estaria no lado oposto da retórica, pois

a retórica tem essencialmente por função agir sobre os outros no sentido de dirigir ou modalizar as deliberações das assembleias, conduzir o povo, comandar um exército, etc. Ela age sobre os outros, mas sempre para o maior proveito daquele que fala (FOUCAULT, 2010, p. 345).

É certo que a *parrhesía* trata também de agir sobre os outros; todavia, ao contrário da retórica, não se trata de dirigí-los ou incliná-los a fazer uma ou outra coisa, mas “trata-se fundamentalmente de conseguir que cheguem a constituir por si mesmos e consigo mesmos uma

relação de soberania característica do sujeito sábio”. A *parrhesía* é no contexto do cuidado de si a imposição do dizer verdadeiro por parte do mestre.

[...] é preciso que, do lado do mestre, o discurso apresentado não seja um discurso artificial, fingido, um discurso que obedeça às leis da retórica e que vise na alma do discípulo somente efeitos patéticos. É preciso que não seja um discurso de sedução. É preciso que seja um discurso tal que a subjetividade do discípulo possa apropriar-se e que, apropriando-se dele, o discípulo possa alcançar o objetivo que é o seu, a saber, ele próprio (FOUCAULT, 2010, p. 329).

É importante ainda chamarmos a atenção para compreendermos um certo paradoxo. As práticas do cuidado de si “constituíram as mais austeras, as mais rigorosas, as mais restritivas morais” que o ocidente conheceu, as quais “não devem ser atribuídas ao cristianismo” (FOUCAULT, 2010, p.14). O que é preciso discernir, no entanto, é que essas regras rígidas no contexto greco-romano tinham um sentido positivo. A *áskesis*, enquanto exercício de si sobre si, eram renúncias que relacionavam o sujeito à verdade. Era uma espécie de saber prático necessário ao sujeito na aquisição da virtude. Citando Musonius Rufus, um filósofo estoíco romano, Foucault diz que esse saber prático só se adquire treinando (o verbo no original é “fazer ginástica”) com zelo, sem negligenciar o esforço. Portanto, ele conclui, esforço, zelo e treinamento é o que nos permitirá adquirir esse saber prático (FOUCAULT, 2010, p. 282).

Todavia,

O que caracteriza a ascese (*áskesis*) no mundo grego, helenístico e romano, quaisquer que sejam, aliás, os efeitos de austeridade, de renúncia, de interdição, de prescrição detalhada e austera que essa *áskesis* possa induzir: ela não é e jamais será fundamentalmente o efeito de uma obediência à lei. Não é por referência a uma instância como a da lei que a *áskesis* se estabelece e desenvolve suas técnicas. A *áskesis* é na realidade uma prática da verdade. A ascese não é uma maneira de submeter o sujeito à lei: é uma maneira de ligar o sujeito à verdade (FOUCAULT, 2010, p. 282).

Em outra parte, encontramos:

Portanto, [a *áskesis*] é todo um modo de relação com o alimento, as roupas, a habitação que é assim formado através desses exercícios de abstinência: exercícios de abstinência para formar um estilo de vida, e não exercícios de abstinência para reger a própria vida mediante interdições e proibições precisas (FOUCAULT, 2010, p. 386).

A prática de si pela estética da existência, percebemos, concebe um modo de renúncia, de interdição, de prescrição, diríamos, até mesmo, de disciplina no sentido de treinamento. O que difere, entretanto, das regras disciplinares praticadas nas instituições modernas é que, ao invés de estarem ligadas ao sujeito enquanto exercício de construção de si mesmo, de sua verdade, estão fundadas na submissão da lei, da regra do código. Enquanto a *áskesis* como conjunto de procedimentos permite transformar a verdade do sujeito em um modo de ser do sujeito (logos em

êthos), os códigos de regras, de regras disciplinares ou regras de conduta, não querem nada além de subjugar, dominar, normatizar e manipular os sujeitos.

DISCIPLINA DOS MILITARES *VERSUS* DISCIPLINA DAS BAILARINAS

Apresentamos nas seções anteriores duas formas de produção de subjetividade trabalhados por Foucault em suas pesquisas. Observamos como esses processos de subjetivação, primeiro, aquele utilizado pelas instituições de ensino a partir do século XVIII e, depois, a estética da existência como prática de si do período helenístico, abordam de maneiras diferenciadas a questão da disciplina. Para efeito de nossa discussão estamos caracterizando os processos disciplinares de controle como a disciplina dos militares, enquanto que a *áskesis* do cuidado de si de disciplina das bailarinas.

Talvez, se olharmos para os efeitos que os exercícios disciplinares exercem sobre os corpos, tanto da bailarina como do soldado, em seus aspectos de força e eficiência, poderíamos dizer que se tratam do mesmo tipo de processo. Mas, ao atentarmos para os diferentes propósitos e maneiras de constituição da subjetividade, que Foucault procura evidenciar pela investigação história, fica claro, e é isso que mais uma vez queremos enfatizar, o caráter oposto entre a disciplina militar e a disciplina das bailarinas na educação.

Se observarmos um dispositivo militar, seja uma tropa desfilando no momento de parada ou apenas em seu exercício ordinário no pátio do quartel, veremos para que serve sua disciplina. O papel da disciplina é o de adestramento. Ela visa um controle ao mesmo tempo individual e coletivo. Ao falar sobre esse poder disciplinar que vai operar nas instituições, Foucault coloca da seguinte maneira seus efeitos sobre os sujeitos:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e instrumento de seu exercício (FOUCAULT, 1983, p. 143).

O termo “fabricar” usado por Foucault para designar a função do poder disciplinar é um termo que iremos encontrar na indústria da economia capitalista. “Fabricar” indivíduos como se fabrica objetos, de forma seriada, visando unicamente o lucro. Nos objetos fabricados pela indústria não há nenhum tipo de singularidade, diferenças individuais, seu valor está na utilidade, e somente nela. A

ideia da constituição da subjetividade concebida a partir do processo industrial se opõe dessa forma ao trabalho produtivo do artista.

Na antiguidade, a *poiesis* humana era toda produção humana que tirava algo da ocultação e do não ser à luz da presença, um modo de revelação do ser e da verdade. Nesse sentido, *poiesis* era não somente a arte que conhecemos hoje, mas toda atividade do artesão que fabrica um objeto. Com o desenvolvimento da técnica moderna a partir da revolução industrial no século XVIII e a afirmação da divisão do trabalho cada vez mais alienante, ocorre uma cisão na *poiesis* humana, separando aquelas coisas que surgem sob o estatuto da estética (as obras de arte) e aquelas que surgem segundo o estatuto da técnica, os produtos em sentido estrito, sendo a originalidade a característica principal do primeiro e a reprodutibilidade a do último (AGAMBEN, 2013, p. 105).

Quando levamos essas noções de produção a respeito dos objetos para a questão da produção de subjetividade entendemos como os produtos fabricados pela indústria dizem respeito aos processos disciplinares de adestramento. É esse tipo de disciplina que a maioria dos sistemas de educação e dos processos de aprendizagem desenvolveram na modernidade e que perduram ainda hoje em nosso contexto. Mas, como vimos, é possível pensarmos uma outra forma de disciplina, aquela ligada a práticas de liberdade, do trabalho do sujeito sobre si mesmo, a disciplina usada pelo artista na produção da sua obra, sua *poiesis*.

Foucault ao se referir a essas produções resultantes da *poiesis* humana, ou seja, os objetos de arte, reafirma a relação entre essas produções e a produção da subjetividade:

O que me surpreende em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida, e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não são? (FOUCAUT, 1995 apud LOPONTE, 2003, p. 75).

A educação pensada como processo de formação do sujeito deve buscar na estética da existência a relação entre sujeito e disciplina. A disciplina das bailarinas é essa disciplina que não busca adestrar o sujeito para que ele seja útil, antes, é um trabalho que ele desenvolve sobre si mesmo, para que possa buscar um modo de desvelar sua verdade, de buscar a beleza. Tudo nesse sistema de educação, seja a direção do mestre ou a prática dos exercícios, dos regimes, das renúncias, devem ter como único fim a construção do sujeito por si mesmo como uma obra de arte.

CONCLUSÃO

Este artigo buscou discutir a questão da disciplina nos processos de formação dos sujeitos, propondo sua ressignificação a partir do cuidado de si na estética da existência de Michel Foucault. Foi visto que o modelo disciplinar ainda em voga em nosso contexto educacional é oriundo das práticas disciplinares que se expandiram a partir do século XVIII, tanto no militarismo como nas instituições de ensino, como apresentado por Foucault em *Vigiar e punir*. Esse tipo de disciplina opera na formação dos sujeitos no sentido de adestramento com a finalidade, unicamente, de torná-los úteis, eficientes e ao mesmo tempo subjugá-los. Dissemos que esse tipo de disciplina, por tudo isso, seria caracterizado como a disciplina dos militares.

Seguindo o movimento realizado por Foucault voltamos-nos para a prática do cuidado de si, vigorada na cultura greco-romana, onde encontramos uma outra possibilidade para relação entre o sujeito e a disciplina. Essa disciplina que irá se dar no trabalho do indivíduo sobre si mesmo, pela lógica da estética da existência, cujo objetivo está no sujeito dar forma a sua subjetividade como um artista constrói sua obra de arte, foi comparado ao trabalho que as bailarinas executam sobre seus corpos. Essa disciplina das bailarinas é aquela disciplina capaz de formar belas existências, vidas artísticas, *poésis* humanas.

Entendemos que as práticas educacionais do século XXI, mais do que em qualquer outro período, devem se nortear pela disciplina das bailarinas para fugir da produção de subjetividade capitalista, a produção de subjetividade que homogeneiza, uniformiza, que destrói o valor da singularidade. A disciplina das bailarinas, não a disciplina dos militares, é capaz de formar o sujeito ético pautado pela dimensão da beleza e da liberdade. É de mais dessas subjetividades que estamos precisando em nossas sociedades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado ao Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder/Entrevista com M. Foucault. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). *Ditos e escritos Vol. IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118 a 151.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e História. In. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para docência. *Revista Educação & realidade*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 69-82, jul/dez. 2003.